
**OS MILITARES FACÍNORAS DA TROPA INSTITUCIONAL: UMA ANÁLISE
ACERCA DOS SOLDADOS DESERTORES NA SOCIEDADE
PERNAMBUCANA NOS SÉCULOS XVII E XVIII.**

Giovane Albino Silva

Graduando em História-UPE. Bolsista de Iniciação Científica da UPE/CNPq. Integrante do Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina.

giovanealb@hotmail.com

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Kalina Vanderlei Silva

Os soldados desertores da tropa institucionalⁱ eram homens que, por diversas razões, resistiram ao recrutamento e ao modo de vida nos quartéis e preferiam viver fugindo das pressões régias à retornar ao aparelho militar burocrático. Eles tinham uma vida clandestina e por isso se preocupavam em não serem apreendidos e recapturados, pois os castigos para tais práticas eram rígidos. Os que conseguissem fugir deveriam procurar maneiras de sustentabilidade, assumindo atividades que garantissem sua sobrevivência.

Procuraremos mostrar, nesse trabalho, as causas que levavam os soldados a optar pela deserção, tornando-a uma prática constante neste período. Além disso, discutiremos acerca das diversas medidas, tomadas pela Coroa, visando impedir a fuga desses homens. Para tanto, é necessária uma pequena abordagem acerca do recrutamento dos soldados para a tropa burocrática, pois segundo Paulo Possamai, “o principal meio de resistência ao recrutamento forçado, tanto entre os portugueses quanto entre os espanhóis, era a deserção”,ⁱⁱ ou seja, a deserção era um tipo de resistência ao ofício de soldado e por isso deve ser compreendida como tal.

A princípio, os soldados que deveriam ser recrutados na colônia tinham que ter necessariamente a cor branca. No entanto, devido há um contingente reduzido desses homens e os que existiam não se oferecia a exercer este ofício, a Coroa decide ampliar os homens passíveis de serem recrutados, só não podendo, os pretos e índios. Todavia, mesmo com essa ampliação na composição da tropa, este ofício não atraía os interesses dos colonos. Esta situação se deve por uma série de questões, entre as quais podemos destacar: o desprestígio dos soldados na cultura ibérica, o qual desvalorizava o militar treinado, disciplinado e domesticado; o sistema precário de manutenção das tropas e o

tolhimento desse ofício impedindo o exercício dos soldados em outras funções para o seu sustento.ⁱⁱⁱ

A Coroa portuguesa fez o recrutamento visando a inserção de grupos sociais específicos: *pobres produtivos*, *vadios* e *vagabundos*. Os primeiros englobavam todos os homens que tinham profissões consideradas de menor importância e que não estavam diretamente ligados à produção açucareira agroexportadora, por exemplo, sapateiros, alfaiates, pequenos comerciantes. No entanto, há de se perceber que a pressão para recrutarem os *pobres produtivos* foi diminuindo com o tempo, pois mesmo eles não tendo funções diretas no comércio agroexportador açucareiro, eram essenciais para a sustentabilidade dessa empresa. Os *vadios* eram trabalhadores esporádicos, os aventureiros ou sem profissão fixa, por exemplo, os assaltantes, mendigos, prostitutas e os desempregados em geral. Já os *vagabundos* era uma ramificação dos *vadios*, ou seja, aquelas pessoas que não tinham um lugar fixo de moradia, que viviam perambulando de um lugar para outro sem domicílio permanente.^{iv}

Com este tipo de recrutamento a Coroa portuguesa buscava recrutar os elementos da mais baixa categoria social da colônia, pois tinha em meta atingir dois objetivos fundamentais, um administrativo, no qual diminuiria o *déficit* de soldados na tropa burocrática; e outro social, eliminando o excesso de vagabundos e marginais na sociedade açucareira. A Coroa mostrava-se preocupada com os *vadios* e *vagabundos* e procurava uma maneira de integrá-lo à sociedade colonialista. Assim,

se o vadio era o personagem à margem da sociedade, a Coroa procurou sempre inseri-lo em seus planos de colonização, tratando-o como parte de um repositório humano disponível. O Estado português, dessa forma, optou por integrar o elemento marginal e lhe dar uma função social, em vez de simplesmente excluí-lo. E essa integração foi feita pelo recrutamento para os quadros repressivos do Império.^v

O Recife, neste contexto, se tornava uma importante vila na concessão de forças braçais para tropa burocrática pela quantidade de *pobres produtivos*, *vagabundos* e *vadios* que habitavam em seus territórios, devido, sobretudo, a sua posição como um dos principais portos de ligação entre a Metrópole e a colônia, servindo de escoamento de diversos tipos de gente, inclusive pessoas enviadas através do degredo.^{vi} Desse modo, o Recife, assim como suas vilas adjacentes, foi se constituindo por pessoas das mais diversas atividades e classes sociais. Havia muitos *vadios* e *vagabundos* que

poderiam ser recrutados para o ofício de soldado, tornando esta região a “principal fonte de recursos humanos para os projetos militares da Coroa.”^{vii}

O trabalho de soldado foi sendo, cada vez mais, associado a um grupo de maus elementos, de pessoas das mais baixas qualidades sociais, do que de pior poderia haver na colônia. Assim um imaginário negativo foi criado àqueles que exercessem esse ofício, pois mesmo uma pessoa que não fosse recrutada das camadas mais baixas e não era oriundo dela, seria visto como um indivíduo tal qual os “maus elementos” que a compõe. Dessa maneira, as pessoas que não queriam ter sua reputação e imagem prejudicada não aceitavam permanecer nesta tropa. Numa sociedade dominada pelo imaginário do barroco mestiço,^{viii} o ofício de soldado era bastante desprestigiado por ser considerada uma atividade mecânica,^{ix} e esta característica pesava bastante no status social de um indivíduo.

Dessa maneira, os problemas sociais – relativos à composição dos elementos indesejáveis - e culturais – o barroco mestiço e o trabalho mecânico – somadas aos constantes atrasos dos soldos e alimentos, da precária situação das vestimentas, da impossibilidade de exercer outro ofício que o sustentasse e aos maus tratamentos a que estavam submetidos, levavam muitos soldados optarem por desertar. Devido à falta de voluntários para a composição da tropa, o recrutamento teve que assumir um caráter repressivo, necessário para sua constituição.

Estando dentro dos quartéis, os soldados dificilmente conseguiriam uma maneira legal para se afastar desse ofício. O procedimento correto para deixar uma tropa seria através do pedido de baixa, mas como afirma Possamai, este era um pedido quase sempre negado pelo exército, devido as inúmeras dificuldades para sua composição, o que impedia que houvesse uma regular aceitação do pedido de baixa.^x

Diante dessa situação uma das maneiras mais procuradas pelos soldados para tornarem-se livres era a deserção. Devido à dificuldade de se obter a “liberdade” da tropa e das condições de vida que eles tinham nos quartéis, os desertores esperavam uma oportunidade para fugirem e verem-se livre de tal ofício e de suas obrigações.^{xi}

Os desertores retornavam para a sociedade de diversas formas: Alguns procuravam asilos com os senhores de engenhos nas suas propriedades; outros se tornavam criminosos e formavam grupos de salteadores que atormentavam a vida em sociedade; outros ainda fugiam para o sertão, formando e constituindo uma nova

sociedade em áreas, muitas vezes, não habitadas por açucareiros; e existem aqueles que ainda retornavam para sua residência. Dessa maneira,

(...) buscava-se escapar ao alistamento de todas as maneiras, pois, devido às péssimas condições da vida do soldado, a carreira militar era execrada pela população pobre que não tinha condições financeiras para ascender na hierarquia milita.^{xii}

Havia alguns lugares com maior concentração de desertores, por exemplo, o sertão, onde, afirma Araújo, “eram acolhidos por sua família, contando ainda com o silêncio cúmplice da população.”^{xiii} Kalina Vanderlei Silva, analisando a formação do sertão pernambucano, através, por exemplo, da *guerra dos bárbaros*,^{xiv} percebe a influência direta dos desertores na construção de um novo cenário sociocultural da região. Muitos soldados da tropa burocrática, que estavam participando dessa guerra, aproveitavam para fugir e libertar-se das amarras régias, a qual não se fazia presente com tanta força no sertão, se comparada com as vilas litorâneas.

Eles poderiam assumir basicamente duas funções nessa região: ser um membro produtivo ou um elemento ligado à criminalidade. Essa dualidade estava ligada a algumas diferenças acerca dos desertores, principalmente no que tange à sua cor. Um homem branco era aceito pelos colonos do sertão e pelos seus vizinhos e por isso poderia trabalhar em conjunto para um deles e produzir ainda mais naquela terra. Já um desertor que não fosse “branco”, tinha uma aceitação mais difícil e seria mais facilmente aceito em um grupo de salteadores e criminosos, já que esse não tinha preferência pela cor.^{xv}

Assim, a deserção era vista com olhares diferentes quando se observava essa característica, fator este influenciado também pela cultura do período que desclassificava os indivíduos que não fossem “brancos”. Dependendo se o desertor fosse branco, negro ou mulato, sua recepção como fugitivo seria diferente. No entanto, “a fuga é comum indiferentemente da cor e raça do fugitivo, pois para sua execução é preciso apenas a oportunidade.”, tais como um naufrágio ou uma mata fechada, no caso do sertão.^{xvi}

Nesse sentido, continua Kalina Vanderlei, a busca pela mata ou pelo sertão foi uma prática constante para aqueles que se sentiam, por algum motivo, perseguidos pelo Estado ou pela sociedade, o que incluía nesse grupo os desertores, que procurando fugir

das tentativas de recrutamento ou de libertar-se da estrutura militar, se embrenhavam nas matas e ali construíam uma nova vida. Assim, para os soldados burocráticos, o sertão era um espaço de liberdade virtual, pois a autoridade régia era bastante reduzida e as chances de ser um homem livre da tropa eram grandes.

Portanto, podemos perceber que a deserção era uma prática constante entre os soldados no Pernambuco colonial e em muitas outras regiões da América portuguesa, devido a um conjunto de questões culturais, sociais e da própria tropa que dificultava o trabalho interno dos soldados. Estes, insatisfeitos com a maneira que viviam dentro do quartel militar, do imaginário negativo construído para eles e da dificuldade de se pedir a baixa legal da tropa burocrática, preferiam desertar e viver fugindo das amarras régias à retorna ao aparelho militar, provocando muitas vezes, conturbações sociais e estruturais nas tropas que em muito prejudicavam a sociedade.

ⁱEntende-se por tropa institucional, também chamada de burocrática, de linha ou regular, a principal força da Coroa portuguesa nos territórios ultramarinos, sendo as únicas pagas, permanentes, profissionais e constituídas nos moldes militares portugueses. SILVA, Kalina Vanderlei. *O miserável soldo & a boa ordem da sociedade colonial: História de homem, militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001, p. 77.

ⁱⁱPOSSAMAI, Paulo César. *O Cotidiano da Guerra: a vida na colônia do sacramento (1715-1735)*. 2001. Tese (Doutorado) - Curso de História, USP, São Paulo, p. 130.

ⁱⁱⁱSILVA, Op. Cit., p. 98-99.

^{iv}ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Unb/José Olympio, 2008, p. 144.

^vSILVA, Kalina Vanderlei. *'Nas Solidões Vastas e Assustadoras': A Conquista do Sertão de Pernambuco pelas Vilas Açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. 2003. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFPE, Recife, 2003, p. 67.

^{vi}PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do Reino: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006, p. 29.

^{vii}SILVA, Kalina Vanderlei. *'Nas Solidões Vastas e Assustadoras': A Conquista do Sertão de Pernambuco pelas Vilas Açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. 2003. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFPE, Recife, 2003, p. 39.

^{viii}Entendemos por barroco mestiço o sistema de valores da elite açucareira, baseados no sistema barroco ibérico e fidalgo, mas que influenciados por outros sistemas de valores advindos, sobretudo, dos americanos e africanos, formou um sistema de valor mestiço, com a integração desses diversos sistemas de valores, adaptando-os as necessidades das elites. SILVA, Kalina Vanderlei. *O Barroco Mestiço: Sistema de Valores da Sociedade Açucareira da América Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII*. *Mneme – Revista de Humanidades*. Vol, 6, N. 7, jun/jul 2005. UFRN, p. 9.

^{ix}Segundo Laima Mesgraves os trabalhos mecânicos são os que exigem operações manuais e que dependem mais do trabalho do corpo do que do espírito. São as funções exercidas pelos pobres produtivos da sociedade açucareira. MESGRAVES, Laima. "Os Aspectos Estamentais da Estrutura Social do Brasil Colônia". In. *Estudos Econômicos*, São Paulo, n. 13, p. 799-812, 1983 (Especial), p. 799-812.

^xPOSSAMAI, Op. Cit., p. 163.

^{xi}SILVA, Kalina Vanderlei. *O miserável soldo & a boa ordem da sociedade colonial: História de homem, militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001, p. 253.

^{xii}POSSAMAI, Op. Cit., p. 129.

^{xiii}ARAUJO, Op. Cit., p. 130.

^{xiv}Esta guerra compreende as diversas batalhas em que os colonizadores tiveram contra as tribos indígenas. No caso desse exemplo, Kalina Vanderlei Silva se detém a estudar essas batalhas no sertão do nordeste, local que foi, durante séculos, cenário dessa guerra. Para saber mais, consultar a obra: SILVA, Kalina Vanderlei. *'Nas Solidões Vastas e Assustadoras': A Conquista do Sertão de Pernambuco pelas Vilas Açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. 2003. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFPE, Recife, 2003,

^{xv} SILVA, Kalina Vanderlei. *'Nas Solidões Vastas e Assustadoras': A Conquista do Sertão de Pernambuco pelas Vilas Açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. 2003. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFPE, Recife, 2003, p. 184.

^{xvi} SILVA, Kalina Vanderlei. *O miserável soldo & a boa ordem da sociedade colonial: História de homem, militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001, p. 253.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Emanuel. *O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Unb/José Olympio, 2008.

PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do Reino: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

POSSAMAI, Paulo César. *O Cotidiano da Guerra: a vida na colônia do sacramento (1715-1735)*. 2001. Tese (Doutorado) - Curso de História, USP, São Paulo.

MESGRAVES, Laima. "Os Aspectos Estamentais da Estrutura Social do Brasil Colônia". In. *Estudos Econômicos*, São Paulo, n. 13, p. 799-812, 1983 (Especial).

SILVA, Kalina Vanderlei. O Barroco Mestiço: Sistema de Valores da Sociedade Açucareira da América Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII. *Mneme – Revista de Humanidades*. Vol, 6, N. 7, jun/jul 2005. UFRN.

SILVA, Kalina Vanderlei. *O miserável soldo & a boa ordem da sociedade colonial: História de homem, militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001

SILVA, Kalina Vanderlei. *'Nas Solidões Vastas e Assustadoras': A Conquista do Sertão de Pernambuco pelas Vilas Açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. 2003. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFPE, Recife, 2003